



## 5º Domingo de Páscoa (09/05/04)

### 1ª leitura (Antigo Testamento) - Levítico 19:1-2, 9-18.

O livro do Levítico é uma sistematização de antigas leis e costumes do povo de Israel ao qual lhe acrescida, na reforma de Esdras por volta de 450 a.C., a nova lei sacerdotal baseada no sistema de pureza e impureza. Os sacerdotes que voltaram do Exílio junto com Esdras estabeleceram uma equivalência entre pureza (*"temah"*) e santidade (*"qadosh"*). Viver uma vida de santidade equivalia, para os sacerdotes, a cumprir uma série de leis que os mantinha puros ou os purificavam. A religiosidade farisaica, herdeira deste sistema, foi duramente criticada por Jesus pela sua superficialidade (cf. Mc 7:1-23).

O texto deste domingo trabalha didaticamente o conceito da santidade (*"qadosh"*) conforme entendido pelos sacerdotes. A santidade nasce da imitação de Javé: *"Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo"* (Levítico 19:2b; Almeida). Este conceito é próprio do Levítico e combinado tanto aqui como em Lv 11:44-45 com o sistema de pureza e impureza: *"Eu sou o SENHOR, vosso Deus; portanto, vós vos consagrareis e sereis santos, porque eu sou santo; e não vos contaminareis por nenhum enxame de criaturas que se arrastam sobre a terra"*. No entanto a imitação de Javé nunca começou na lei da pureza-impureza mas na libertação do Egito. Os sacerdotes eram obrigados a admitir o caráter libertador de Deus (cf. Lv 11:45): *"Eu sou o SENHOR, que vos faço subir da terra do Egito, para que eu seja vosso Deus; portanto, vós sereis santos, porque eu sou santo"*. Isto é, Deus foi primeiro libertador (cf. Êx 20:2 e Dt 5:6)!

O pulo da leitura que deixa para trás os versículos que se referem ao sacrifício de comunhão e sua *"corrupção"* (v.5-8) se entende no sentido de buscar na lei sacerdotal aquilo que ela manteve de contato com a teologia originária de um Deus solidário e libertador e não da manipulação teológica de Javé como Deus repressor e normatizador.

Os versículos 9 a 18 dividem a imitação de Javé em três partes divididas pela frase: *"Eu sou Javé"* (cf. v.14b, 16b e 18b). A primeira (v. 9-14) fala de pessoas como cidadãs (no pleno exercício dos seus direitos e deveres). Para elas, imitar a Javé é agir de forma honesta e solidária com os pobres e estrangeiros (cf. v.9-10; os não cidadãos/as) e com as concidadãs especialmente as mais vulneráveis e discriminadas como as pessoas portadoras de deficiência (v.11-14a). Na segunda parte, imitar é evitar o abuso de poder: julgar com justiça pobres e ricos (v.15) e não acusar ninguém falsamente destruindo a sua vida (v.16). A última parte resume as duas anteriores no mandamento por excelência: *"Amarás o teu próximo como a ti mesmo"* (Levítico 19:18b, cf. Mt 19:19 e 22:39; Mc 12:31; Lc 10:27; Rm 13:9; Gl 5:14 e Tg 2:8). (HMG)

### 2ª leitura: Apocalipse 19:1, 4-9.

É sintomático que todos os grandes eventos da história sejam sempre tornados públicos através de um anúncio formal, ou seja, por uma declaração. É assim com a



independência de um país, com a vitória sobre um inimigo ou mesmo com a morte de um monarca ou o nascimento de um herdeiro.

No texto que lemos hoje, encontramos também algumas declarações. João, procurando consolar sua igreja perseguida na Ásia Menor e a toda a Igreja que sofre por amor a Cristo, nos fala de uma realidade que ainda não chegou mas que chegará. Uma realidade em que o Reino de Deus será instaurado e de uma grande festa que marcará esse dia de vitória. Somos transportados por João para uma realidade atemporal onde, diante de Deus, no céu, toda a Igreja reunida recebe a declaração formal de que os exércitos de Deus derrotaram as hostes do mal. E esta cena pode ser dividida em três declarações. Cada uma delas nos fala de um aspecto importante da vitória de Cristo sobre os poderes do diabo.

A **primeira declaração** é de vitória. Ela está no verso um. Esta declaração é feita no céu (uma referência de atemporalidade) por toda Igreja reunida. Esta "grande multidão" faz uma das maiores declarações escritas na Bíblia. A Igreja diz: "Aleluia! Salvação e glória e honra pertencem ao nosso Deus". Esta declaração é feita no contexto da vitória de Deus sobre a "grande Babilônia" do capítulo 18. Esta é uma declaração da Igreja Triunfante e atemporal a respeito da vitória do Reino e do projeto de Deus sobre o anti-reino e do projeto do dia-bolos (aquele que encarna o princípio da separação que é contrária ao sim-bolos). O projeto diabólico é descrito como prostituição entre os reis (poderes políticos) e os mercadores (poderes econômicos) da terra com a grande meretriz (18:3). No Reino de Deus, a grande prostituta que corrompeu a terra com a sua prostituição às custas do sangue das pessoas foi julgada e vencida (19:2). Esta primeira declaração diz que somente Javé pode vencer o projeto do anti-Cristo. E a Igreja de todas as épocas e toda a criação, simbolizada também pelos 24 anciãos (patriarcas e apóstolos) e pelos quatro animais, se reúne para encerrar esta declaração dizendo: "Amém, Aleluia!" (19:4).

Às vezes somos tentados a nos ajuntar com os reis desta terra ou com seus mercadores para prostituir nossos valores e trocar nossa cidadania por outra que se baseia no lucro e na exploração. Nem sequer percebemos a quantidade de sangue que é derramado para que este sistema opressor se preserve. Não podemos jamais, ceder a esta tentação. Muito mais quando tomamos consciência de que o Reino de Deus se aproxima.

A **segunda declaração** é de reconhecimento do Reino. Ela está no verso 6. Outra vez, de uma "grande multidão" se ouve, como que uma "voz de muitas águas" e de "trovão" uma declaração bombástica. "Aleluia! Pois já o Senhor Todo-poderoso reina!". Esta é uma declaração formal de que o Reino de Deus foi instaurado definitiva e visivelmente. Esta declaração vem acompanhada de uma manifestação que envolve toda a natureza: os homens, as águas e os céus. Toda a criação – em seus três níveis - que havia, segundo a leitura de Gênesis, sido contaminada pelo pecado, está, agora redimida pela chegada do Reino de Deus. Este é um momento de alegria, de exultação e de dar glórias ao Todo-poderoso (19:7). Esta é uma declaração de exclusiva adoração a Deus. Mais ninguém pode receber esta adoração que é dirigida apenas àquele que nos salvou e que venceu o anti-reino.



Assim como a declaração formal do final de uma guerra é esperada ansiosamente pela população civil e pelos familiares dos combatentes, toda Igreja espera ansiosa a declaração de que o Dia da vitória de nosso Deus chegou. A certeza de que este dia se aproxima nos é dada pela ressurreição de Cristo. "Porque Ele vive, posso crer no amanhã, porque ele vive, temor não há". A vitória final virá e a vida dará a última palavra sobre a morte.

A **ultima declaração** é uma declaração de felicidade: "felizes aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro". Ela está no verso 9. Esta declaração contém o convite para a festa da vitória. As bodas do Cordeiro, ou seja, a reunião final de Cristo e sua Igreja. A festa da vitória, que durará a eternidade, é descrita como uma festa de casamento entre o noivo (o cordeiro) e a Igreja. Esta noiva é descrita como estando preparada (v.7) e vestida de linho fino, resplandecente e puro (v. 8), uma referência às obras justas realizadas pelos santos e que lhes causaram dor, sofrimento e perseguição. Para esta festa todos nós estamos convidados e por isso somos bem-aventurados.

Temos diante de nós uma brecha que nos permite antever o fim da história. Mas esta brecha não deve ser vista como a certeza de que a história caminha inexoravelmente para este fim. Não estamos diante de mais uma metafísica do tipo hegeliano. Nós não somos meros expectadores na "história" da salvação. Somos seus protagonistas, os atores e atrizes principais desta cena. Sem que resolvamos e decidamos marchar em direção à festa ela não se realizará. Por isso sua decisão é importante. Como diz uma música: "Vem! Entra na roda com a gente". Vem conosco produzir uma nova realidade, guiada e fortalecida por Deus, uma realidade de festa onde todos são chamados à mesa. (JLFA).

### **Santo Evangelho - João 13:31-35**

"Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos se vocês se amarem uns aos outros".

A primeira vez em que eu visitei a Inglaterra fui a Coventry conhecer a famosa Catedral. Aquela Igreja foi destruída pelos bombardeios aéreos alemães durante a 2ª Grande Guerra Mundial. Hoje lá nós vemos a velha catedral em ruínas ao lado da nova Catedral lá erguida pelos cristãos alemães como demonstração que o amor que une os cristãos deve estar acima das loucuras de uma guerra. Lá hoje há um grande ministério para as classes trabalhadoras, o que torna aquela uma igreja muito viva e atuante. A força motriz daquela paróquia é o amor praticado, é o amor em ação. Os cristãos ingleses e alemães nos dão ali um bom exemplo do que é este amor.

Hoje, tal amor se torna muito difícil de ser vivido. Nossas comunidades, muitas vezes, no lugar de demonstrar amor uns pelos outros se tornam lugares de 'focos' e de exclusão. Porque isso? Por que nos deixamos dominar pelas categorias deste mundo, próprias de uma sociedade competitiva regida pela lei de sobrevivência do mais forte.

Não foi isso o que Jesus nos ensinou. Ele quis que o mundo cresse por causa do nosso exemplo. Como mudar isso? Pela prática da oração uns pelos outros e por



ampararmos uns aos outros derrotando assim o demoníaco que teima em tomar conta de nossas paróquias. "Mas vós não deveis ser assim". Tomemos juntos as nossas cruzes para que a Ressurreição venha amanhecer em nós.

Há no texto uma referência ao Filho do Homem glorificado com o qual Jesus se identifica. Jesus se aproxima da Paixão, do fim do seu ministério. Ele está preparando seus discípulos para a separação. Invoca aí a figura escatológica daquele que representa o novo homem. Este é o ser humano que deve tomar conta de nós, de nossas paróquias; com menos palavras e com mais atos de amor. (GSL)

### 2º comentário – João 13. 31-35

O trecho escolhido para este domingo faz parte de uma nova seção que começa no capítulo 13.1ss e que contém o relato do Lava-pés (vs. 1-11), um discurso sobre o serviço (12-2-), a traição (21-30) e o Novo Mandamento (31-38). Há dois pontos que devem ser observados:

(1) A glorificação de Cristo está centrada na Cruz-Ressurreição e (2) o novo mandamento, o mandamento do novo Pacto. Esses versos iniciais retomam os temas propostos no Prólogo.

Vs. 1 - Jesus sabe que chegou sua hora... inicia-se a narrativa que culminará em sua morte e ressurreição e que revela o propósito para o qual Deus O enviou. O prólogo joanino diz que no início era o Verbo e este estava com Deus e era Deus (1.1-5, 10-14, 18). Ele era luz da vida e os seus não o compreenderam. Essa realidade reaparece no cenário do capítulo 13 nos momentos concretos da traição e conspiração e traição. "O Verbo se fez carne e habitou entre nós... vimos a sua glória...". Isso nos ajuda a perceber a hora de Jesus, seus gestos e suas palavras no contexto do amor de Deus por este mundo e as pessoas que o habitam, principalmente, na frase "amou-os até o fim", ou com toda a plenitude. Esse amor ou doação ocorre em meio à rejeição, traição e tudo quanto impede a comunhão com Deus e uns com os outros.

13.31 - A glorificação mútua do Pai e do Filho (ver 1.14) é anunciada nos momentos mais aflitivos e decepcionantes para a comunidade de seguidores. A traição por parte de um deles muito íntimo já está em curso. Esse sofrimento decorrente da violação da confiança por parte dos amigos íntimos tem como referência o Salmo 41.9.

É importante observar que a glória significa, no Antigo Testamento, o peso, a importância, a dignidade, o brilho. Nessas circunstâncias é percebida e revelada a presença gloriosa de Jesus no Pai e do Pai no Filho. Enfim, no lava-pés, na atitude para com o traidor (pois este também faz parte daqueles para os quais o amor é dedicado com toda plenitude), na doação da vida na Cruz. Em tudo isso se revela quem é Deus.

Vs. 34 - "Um novo mandamento" não é novo no sentido do mandamento existente (Levítico 19) revisado ou reformulado. É novo no sentido de participar no amor e glorificação mútuos do Pai e do Filho. É o amor que testemunha que Deus foi revelado no que Jesus viveu e fez. Esse amor revela o peso, o brilho, a grandeza



Daquele que dizemos ser Deus. Desse modo, o novo mandamento não nega a importância da lei do amor em Levítico, mas é uma questão mais de vida, de relacionamento fraterno, confiável, transformador, doador que as "leis" não entendem. A Carta aos Gálatas nos ajuda a compreender essa questão quando afirma: "toda a lei se cumpre em um só preceito: amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Gl 5.14) ou "o fruto do Espírito é amor... contra estas coisas não há lei" (Gl 5.22-23).

Esse amor é inesgotável (13.1). Até permite espaço para a resistência resistir e a traição (vs. 26ss). Dar o pedaço de pão molhado na boca é gesto de amor. Nesse diálogo, Jesus sabe o que Judas está tramando. Não se trata de "cegueira" ou de querer ver o que não se vê. É muito mais uma questão de "a despeito de..." É a grandeza do amor que se manifesta aí. Neste Evangelho, Jesus está sempre em comando, dirigindo a situação.

No evangelho de João o amor insondável e inesgotável que nos acompanhará até o fim é iluminado pelo gesto de Jesus para com Judas, o traidor. Esse amor pode criar uma comunidade inclusiva. (ST)